

A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS PROCESSOS DE RECRUTAMENTO E SELEÇÃO

CIENTÍFICOS DA UNIFEOB

REIS, Kaynan¹

CARIOCA, José Márcio

RESUMO

Este artigo traz alguns aspectos sobre a discriminação racial em processos de seleção de recrutamento de vagas de emprego, além de fazer um pequeno panorama do quanto atrasado e discriminatório é ainda nos dias de hoje a maneira com que as empresas formam suas equipes, baseadas em modelo de sociedade ultrapassado e segregante. Foi abordado ainda, a força do pensamento escravagista no inconsciente das pessoas, assim como em contrapartida o sentimento abolicionista da população negra, que busca seu espaço no mercado de trabalho a fim de poderem ser tratados de forma igualitária.

Palavras-chave: discriminação racial; recrutamento e seleção; processo discriminatório.

¹ Graduando do curso de Ciências Contábeis da UNIFEOB,
kaynan.reis@sou.unifeob.edu.br ² Professor orientador UNIFEOB
jose.carioca@unifeob.pro.br

ABSTRACT

This article provides some insights into racial discrimination in job recruitment selection processes, and provides a brief overview of how backward and discriminatory the way companies form their model-based teams is still today, of outdated and segregating society. It also addressed the power of slave thinking in the unconscious of the people, as well as the abolitionist sentiment of the black population, which seeks its space in the labor market in order to be treated equally.

Keywords: collective mandate; movement political leader training; politics.

MÉTODO

Foi realizada um trabalho de pesquisa sobre o assunto, em mídia digital, artigos científicos e acadêmicos, além relatos pessoais acerca do assunto. A partir da análise crítica dos materiais encontrados foram feitas observações sobre os dados obtidos a fim de se encontrar uma forma de amenizar a grande discriminação que ainda nos dias de hoje acontece nos processos de recrutamento de seleção de vagas de emprego no país.

INTRODUÇÃO

Desde o fim do século XIX, no processo que conduziu ao fim da escravidão no Brasil, o negro enfrenta barreiras para a sua ascensão social e até mesmo, podemos dizer, para sua sobrevivência. É interessante ressaltar que o Brasil foi o último país do ocidente a acabar com o trabalho escravo e o processo de abolição não foi acompanhado de políticas públicas que garantisse à população libertada direitos básicos como educação, moradia e emprego.

As relações de trabalho livre no Brasil, introduzidas durante o gradativo processo de abolição da escravidão, foi marcada pela exclusão da população negra, agora livre, do mercado de trabalho. O governo imperial adotou, na segunda metade do século XIX, uma política de “embranquecimento” da população brasileira através do incentivo, cada vez maior, para a chegada no país de imigrantes, especialmente europeus.

Assim sendo, é possível afirmar que não foi garantido à população negra a inserção na sociedade de classes que nascia do Brasil do Segundo Reinado (1840-1889). Na verdade, houveram políticas que buscaram afastar o negro da sociedade “civilizada” que o Brasil almejava se tornar.

O Brasil se torna uma república em 1889, trazendo para a sociedade o ideal positivista estampado em nossa bandeira: Ordem e progresso. No entanto, a população negra foi “jogada” nessa sociedade sem auxílio ou qualificação e sem a mínima base para viver em uma sociedade capitalista competitiva.

Os poucos postos de emprego disponíveis para essa população eram subempregos, que exigiam pouca qualificação, no entanto, com salários baixíssimos e sem qualquer direito ou garantia legal. Dessa forma, o racismo que se estrutura na escravidão, mas que não acaba com ela, vai moldar as relações de trabalho no Brasil.

A interferência da discriminação racial na inserção do negro no mercado de trabalho

No entanto, mesmo que os números e estatísticas apontem que o negro tem, historicamente, maior dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e a altos níveis de escolaridade, o que aproxima a população negra das mais baixas estatísticas (menores salários, maioria entre os desempregados e entre os mais pobres, maioria na população carcerária), boa parte da população brasileira não enxerga ou não admite esse problema.

O sociólogo Florestan Fernandes aponta que no Brasil existe um preconceito velado, ainda profundamente ligado ao mito da democracia racial. De acordo com esse mito, a forma como se deu a escravidão no Brasil e as relações entre senhores e escravos, fez no brasileiro um homem cordial e da nossa sociedade, uma sociedade miscigenada que garante oportunidades iguais para todos os brasileiros.

Daí advém um grande problema: quase ninguém admite ser racista, no entanto, nenhuma daquelas pessoas admite o fato de que o negro é um semelhante, e que pode ocupar os mesmos empregos que o branco. O problema racial brasileiro é que todo mundo até hoje acredita que vivemos nessa suposta “democracia racial”, portanto o governo não precisa tomar qualquer atitude para ajudar os negros, pois somos todos iguais; no entanto, os brancos quando veem um negro na mesma situação e competindo com ele na mesma área, não admitem esse fato e tendem a ficar muito incomodados com isso, daí que o racismo explode.

Para muitos “não negros” vivemos em paz desde que o negro fique no seu lugar; no momento em que o negro passa a querer a ter os mesmos direitos, aí o racismo vem à tona. Recentemente essa elite que finge não ser racista protestou (e protesta até hoje) com a implantação da lei de cotas nas universidades. Quando isso aconteceu, o racismo mostrou a cara novamente.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO MERCADO DE TRABALHO

São frequentes os relatos de pessoas negras que já sofreram algum tipo de discriminação racial em processos de seleção e recrutamento. Em diversas áreas e cargos, não é raro e tampouco novidade que isso aconteça no Brasil, desde os primeiros dias de nossa jovem nação. Em grande parte, por conta do forte e marcante processo de escravidão, que por mais de 300 anos integrou as relações comerciais realizadas no país.

Com esse fato, instalou-se ainda que no subconsciente da maioria das pessoas essa condição de subserviência, de menor capacidade e por consequência maior disponibilidade a empregos com supostamente menor valor, tanto econômico quanto prestígio social.

A partir disso, foi criado no país, um estereótipo de trabalhadores negros, fadados a ocupar os menores cargos, com as piores condições e conseqüentemente os menores salários, agravando assim sua condição imposta de servidão. Praticamente uma escravidão moderna.

Hoje no Brasil, a discriminação racial é crime, previsto pela Lei Nº 7.716 de 1989. Nenhuma empresa se assume como racista, ou preconceituosa, seja ele de qualquer natureza. Mas o que dificulta a detecção de práticas discriminatórias é o fato da empresa ter liberdade de escolher o perfil do candidato que deseja, seja em seu processo próprio ou utilizando-se de empresas terceirizadas de recrutamento. Logo, essa prática acaba sendo além de bem mais frequente do que se imagina, completamente lícita e de acordo com as normas.

Segundo pesquisa realizada pela Vagas.com, empresa de soluções tecnológicas de recrutamento e seleção em parceria com a Talento Incluir que atua na inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, feita com cerca de 3,2 mil candidatos aproximadamente 50 % já se sentiu prejudicado em entrevistas de emprego. Desse grupo, 54% são mulheres, 55% pessoas negras, 59% com deficiência, 64% pessoas com mais de 55 anos e 59% pós-graduados.

Além disso, são recorrentes os relatos de pessoas negras que são preteridas em vagas de emprego, mesmo tendo currículos melhores, e sendo mais propensas à função. O que é legitimado pelas empresas pela justificativa de “perfil”, o que é uma

questão subjetiva, muito utilizada para fins discriminatórios, e por tanto difíceis, quase impossíveis de serem mensurados, fazendo com que os dados obtidos sobre o assunto sejam subestimados por falta de comprovação.

NEGROS EM CARGOS IMPORTANTES OU DE LIDERANÇA

Tão forte quanto a discriminação racial nos processos de seleção, temos a discriminação de negros que ocupam cargos de certa importância social, mesmo que não possuam grandes salários. Para quem pertence a uma população discriminada, segregada e destinada a ser considerada inferior no pensamento retrógrado e discriminatório de alguns, é realmente transgressor ascender socialmente ainda que seja apenas por sua capacidade e dedicação, já que para muitos esse lugar não seria seu por direito.

Não raros são os casos como da professora Luana Tolentino, que foi abordada por uma mulher enquanto andava pela rua em Belo Horizonte que lhe perguntou se ela fazia faxina. Luana respondeu segura: “Não, faço mestrado. Sou professora.” Por ser negra, a senhora concluiu que se tratava de uma faxineira. Obviamente não existiria o menor problema se ela fosse, mas a cor de sua pele não pode de maneira alguma limitar quais profissões ela poderá ter! Esse caso reafirma o quanto o ambiente profissional ainda possui preconceitos atrelados à forma de pensar da maioria dos brasileiros. E o contrário é bem observado nos também não raros casos de pessoas negras que acreditam que certas profissões não são para elas, por sua condição dita inferior. “O que me deixa indignada e entristecida é perceber o quanto as pessoas são entorpecidas pela ideologia racista. Sim. A senhora só perguntou se eu faço faxina porque carrego no corpo a pele escura”, declarou Luana Tolentino, professora e mestranda da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto)

Nos Estados Unidos, uma gerente de marketing e de projetos negra fez um teste durante três semanas numa rede social profissional. Ela se candidatou às mesmas vagas com seu perfil verdadeiro e um falso que ela criou com as suas informações profissionais, porém com o nome e a foto de seu noivo, que é branco. Segundo ela, o perfil verdadeiro, com sua foto, obteve um índice de resposta de menos de 2% em relação às vagas às quais se candidatou, enquanto o falso, com a foto e o nome do noivo, obteve 40% de retorno para as mesmas vagas.

Para se ter ideia, os últimos números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre o quarto trimestre de 2016, revelaram que a taxa de desemprego permanece maior entre negros e pardos, que também têm salários mais baixos. Na ocasião, a renda média real recebida pelas pessoas ocupadas no país foi estimada em R\$ 2.043. O rendimento dos brancos era de R\$ 2.660 (acima da média nacional), enquanto o dos pardos ficou em apenas R\$ 1.480 e o dos trabalhadores que se declaram pretos esteve em R\$ 1.461.

A taxa de desemprego entre os diferentes grupos também confirma o preconceito racial. O índice entre pessoas que se declararam de cor preta ficou em 14,4% no quarto trimestre de 2016, enquanto a taxa entre a população parda foi de 14,1%. Os resultados são maiores que o da média nacional, de 12%, e do que o registrado pela população branca, que teve taxa de desemprego de 9,5% no quarto trimestre de 2016.

“O racismo é um componente da estruturação do mercado de trabalho. Sob qualquer aspecto que se observe, a raça pesa, é um condicionante que influencia o lugar do negro nos postos de trabalho”, afirma o especialista, lembrando ainda como as questões de gênero também interferem. “Para a mulher negra, a situação é ainda pior”, diz o sociólogo Luiz Chateaubriand, da Superintendência de Estudos Econômicas e Sociais da Bahia.

CONCLUSÃO

Até onde o preconceito pode chegar? Ultimamente ele chega em tudo, no vestir, no agir e em opiniões diferentes.

É claro que o preconceito existe, é fato, é nítido. Você é julgado pela sua cor, pelo seu modo de vestir.

A cor da pele sempre será motivo de discussão, motivo de separação, de que o negro não pode estar melhor que o branco, que o negro sempre foi escravo, sempre foi e assim será. Mas, o engano é que o negro sempre se destaca em profissões de alto escalão e podemos citar alguns deles:

Edson Arantes do Nascimento – Pelé, melhor jogador da história.

Lewis Hamilton – 5 vezes campeão mundial de Fórmula 1.

Barack Obama – Ex-Presidente dos Estados Unidos.

Tiger Woods – Um dos melhores golfistas de todos os tempos.

Preconceito racial, algo que vem pra separar, humilhar e iniciar a guerra entre negro e brancos, somos todos iguais, independente de qualquer coisa, seja você a pessoa que pode mudar isso, mude o pensamento, lute pela igualdade, seja a igualdade. A mudança começa dentro de você, a partir de você, faça a sua parte.

“A discriminação dos negros está presente em cada momento das suas vidas para lembrá-los que a inferioridade é uma mentira que só aceita como verdadeira a sociedade que os domina” Martin Luther King

REFERÊNCIAS

Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm> Acesso em 30 de Outubro de 2019

Portal G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/metade-dos-profissionais-se-sentiu-prejudicada-em-processos-seletivos-aponta-pesquisa.ghtml>> Acesso em 30 de Outubro de 2019.

Portal G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2018/08/17/discriminacao-no-mercado-de-trabalho-pode-comecar-por-fotos-em-redes-sociais.ghtml>> Acesso em 30 de Outubro de 2019.

Portal Jornal Estado de Minas. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/07/23/interna_gerais,885946/negros-ainda-sofrem-desigualdade-no-mercado-de-trabalho.shtml> Acesso em 30 de Outubro de 2019.